

TEATRO E AUTISMO

Uma revisão crítica da produção acadêmica

THEATER AND AUTISM

A critical review of academic production

184

Carlos Eduardo Pérola

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40506

Resumo

O presente artigo realiza uma revisão bibliográfica crítica sobre a produção acadêmica brasileira que aborda a relação entre teatro e autismo. O corpus analisado é composto por seis artigos e duas dissertações de mestrado, localizados a partir de buscas no Portal de Periódicos da CAPES, BDTD e Google Acadêmico. O artigo apresenta as disputas de narrativas e paradigmas existentes em torno do tema do autismo, adotando o paradigma da neurodiversidade como referencial teórico e buscando problematizar a recorrência de abordagens que tratam o teatro de maneira utilitarista, sobretudo como ferramenta terapêutica. Ao longo da análise, observa-se a predominância do paradigma da patologia, bem como a escassez de produções que reconheçam pessoas autistas como sujeitos criadores em experiências artísticas legítimas. Concluímos apontando a necessidade de uma mudança de perspectiva, em que o teatro seja compreendido e valorizado na sua condição de campo estético e político, e em que as pessoas autistas possam ser vistas e tratadas enquanto artistas teatrais.

Palavras-chave: Teatro. Autismo. Paradigma da neurodiversidade. Paradigma da patologia. Arte e inclusão.

Abstract

This article presents a critical literature review of Brazilian academic work addressing the relationship between theater and autism. The corpus analyzed consists of six articles and two master's theses, identified through searches in the CAPES Journal Portal, BDTD, and Google Scholar. The article outlines the narrative and paradigmatic disputes surrounding the concept of autism, adopting the neurodiversity paradigm as its theoretical framework. It aims to question the recurring tendency to approach theater in a utilitarian way, especially as a therapeutic tool. Throughout the analysis, the predominance of the pathology paradigm is evident, as well as a lack of academic work that recognizes autistic

individuals as creative subjects in legitimate artistic experiences. The article concludes by emphasizing the need for a shift in perspective, one that understands and values theater as an aesthetic and political field, and that recognizes autistic people as theater artists.

Keywords: Theater. Autism. Neurodiversity paradigm. Pathology paradigm. Art and inclusion.

Introdução

O presente artigo é parte de uma pesquisa em andamento no curso de Especialização em Artes da Universidade Federal de Pelotas, voltada ao mapeamento de experiências teatrais protagonizadas por pessoas autistas no Brasil: seja na atuação, na direção ou na escrita dramática. A proposta do artigo é realizar uma revisão bibliográfica da produção acadêmica existente sobre o tema “teatro e autismo”, buscando problematizar duas tendências que se mostraram recorrentes na literatura consultada: (1) uma desvalorização do caráter artístico das práticas teatrais realizadas por pessoas autistas e (2) uma abordagem utilitarista do teatro, entendido majoritariamente como instrumento terapêutico. Buscamos também pensar como essa produção acadêmica se dá em relação às disputas de narrativas sobre o autismo, especialmente no que se refere aos paradigmas da patologia e da neurodiversidade.

Num primeiro momento, introduziremos o tema do autismo, com ênfase nas disputas de narrativas e paradigmas que atravessam sua conceituação. Em seguida, será apresentada e discutida a revisão bibliográfica da produção acadêmica existente sobre as relações entre teatro e autismo. Por fim, propomos uma reflexão crítica sobre os caminhos que essa produção tem trilhado, apontando problemas e limitações recorrentes, bem como possíveis direções para pesquisas futuras, que possam se basear no respeito tanto à arte teatral quanto às singularidades das pessoas autistas.

Autismo: um conceito em disputa

O autismo é um conceito em disputa. Entendemos, portanto, que os trabalhos acadêmicos que buscam falar sobre tal temática deveriam sempre apresentar, mesmo que sucintamente, essa informação. No entanto, essa prática não é comum: observa-se, na maioria dos estudos, uma tendência a adotar definições extraídas acriticamente dos manuais psiquiátricos, desconsiderando discursos contra-hegemônicos que questionam essas definições.

Bialer e Voltolini (2022) apresentam o quadro como uma disputa de narrativas entre o discurso científico sobre o autismo e os discursos alternativos produzidos, por exemplo, por relatos autobiográficos de pessoas autistas, que nem sempre coincidem com as verdades pretendidas pelo discurso científico.

Baseando-nos sobretudo nos escritos da psicóloga e pesquisadora autista Nick Walker, entendemos que os discursos sobre o autismo podem ser divididos em dois grandes grupos, embora dentro de cada um deles ainda seja possível encontrar diferentes subdivisões ou ramificações discursivas, derivadas de discordâncias pontuais diversas.

No primeiro grande grupo encontramos os discursos hegemônicos sobre o autismo, ou seja, aqueles informados pelos manuais psiquiátricos e os mais comumente reproduzidos na grande mídia. Tratam-se de discursos que tendem a apresentar o autismo como um conjunto de *déficits* ou disfunções, descrevendo as características de pessoas autistas por meio de termos como “limitação”, “dificuldade” e afins – palavras que, nesses contextos, são mobilizadas com um viés patologizante, como se expressassem falhas internas a serem corrigidas. No âmbito desse discurso patologizante, o termo oficial utilizado para se referir ao autismo é Transtorno do Espectro Autista (TEA) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 31).

No segundo grupo, encontram-se os discursos que apresentam o autismo a partir da perspectiva da neurodiversidadeⁱ, propondo que tal condição não consiste em nenhum problema ou erro a ser corrigido, mas sim em uma parte

natural e importante da diversidade neurocognitiva na espécie humana (PEROLA, 2022).

Walker, que é uma referência central no movimento pela neurodiversidade, propõe que cada um desses discursos se situa dentro de dois paradigmas, respectivamente o “paradigma da patologia” e o “paradigma da neurodiversidade”, cada um deles informando formas distintas de olhar para variações comportamentais e neurocognitivas em nossa espécie, não só no que se refere ao autismo. Sucintamente, pode-se dizer que o paradigma da patologia se constrói em torno de um ideal de normalidade e vê a diferença como uma anomalia indesejada; já o paradigma da neurodiversidade entende a normalidade como algo inexistente e a diversidade como condição a ser aceita e celebrada (WALKER, 2013).

É ao paradigma da neurodiversidade que nos associamos teoricamente na condução dessa pesquisa. Sob esse paradigma, é possível compreender o autismo como uma variação natural do funcionamento neurológico humano, baseada num índice elevado de conectividade sináptica, que leva a formas distintas de processamento de informações cognitivas e sensoriais e, conseqüentemente, a formas distintas de pensamento, comportamento, comunicação, interação social, percepção sensorial, entre outros. Na medida em que vivemos em uma sociedade em que os padrões de convívio e interação são projetados especialmente por e para pessoas não autistas, quando pessoas autistas tentam participar desses padrões, acabam comumente enfrentando as conhecidas dificuldades de comunicação e interação social – dificuldades que, sob o paradigma da neurodiversidade, não são vistas como falhas da pessoa autista, mas como manifestações de um descompasso entre diferentes formas legítimas de perceber e interagir com o mundo (PEROLA, 2022; WALKER, 2014b).

Revisão de literatura

A seleção dos textos para a revisão bibliográfica foi realizada através do Portal de Periódicos da CAPES, do Banco de Teses e Dissertações (BDTD) e do

Google Acadêmicoⁱⁱ, em dezembro de 2024. Foram utilizados os termos “teatro” e “autismo”, associados pelo operador booleano “AND” e foram excluídas as produções bibliográficas que não tratam especificamente das relações entre teatro e autismo, bem como aquelas escritas em idiomas estrangeiros. Dessa forma, foram selecionadas 8 produções bibliográficas, sendo seis artigos e duas dissertações de mestrado (Quadro 1).

Quadro 1 – Seleção de produções bibliográficas sobre teatro e autismo

Título	Autoria	Ano	Tipo
Autismo e teatro: balanço da produção científica nacional e internacional (2000-2019)	Laila SOUZA, Lucas SANTOS, Rosana GIVINI	2023	Artigo de revista
A utilização do teatro enquanto recurso artístico e instrumento de intervenção no transtorno do espectro autista: uma revisão de literatura	Penélope LIMA	2018	Artigo de revista
Bob Wilson: por trás do olhar de um surdo e da voz-pensamento de um autista	Lucas PINHEIRO	2017	Dissertação de mestrado
Constelações Aracnianas. Autismo e Pedagogia do Teatro	Nicholas LEITE	2024	Dissertação de mestrado
Contágios emancipadores: teatro e interação entre crianças com autismo	Laila SOUZA, Lucas SANTOS, Louisse CONCEIÇÃO	2024	Artigo de revista
O teatro e o autismo: o potencial do ensino do teatro em uma pesquisa autobiográfica	Pedro CAMPANA, Adriana CAMPANA	2023	Artigo de evento
Educação teatral e o uso da comunicação alternativa: uma proposta para crianças com autismo	Rosana GIVINI, Lucas SANTOS, Erica CAMARGO	2023	Artigo de revista
Ensino de teatro para crianças com autismo no contexto da pandemia da Covid 19	Lucas SANTOS, Erica CAMARGO, Rosana GIVINI	2024	Artigo de revista

FONTE: Elaborado pelo autor.

Chama a atenção imediatamente o fato de que a maioria dos textos foram publicados muito recentemente, no biênio 2023-2024, indicando um interesse recente pelo tema. Percebe-se também que parte do material selecionado foi

produzido por um mesmo grupo de pesquisadores, com vários nomes se repetindo nas autorias dos artigos.

Do material selecionado, dois artigos se apresentam como revisões de literatura; começamos pelo mais antigo deles (LIMA, 2018). Nele, a atriz e terapeuta ocupacional Penélope Lopes de Lima, busca pela produção acadêmica sobre teatro e autismo realizada entre os anos de 2008 a 2018, preocupando-se especialmente com o tema da “utilização do Teatro enquanto instrumento de intervenção no Transtorno do Espectro Autista” (p. 2). A autora apresenta o autismo pela perspectiva do paradigma da patologia, usando um vocabulário próprio desse paradigma – por exemplo, ao falar sobre pessoas autistas como pessoas “acometidas” (p. 6) por essa condição – e não fazendo nenhuma menção à neurodiversidade. Prevalece ao longo de todo o artigo uma visão do autismo como um conjunto de *déficits* a serem corrigidos, uma desconsideração do potencial criativo de indivíduos autistas e uma visão reducionista do teatro, que acaba sendo tratado somente a partir de suas possibilidades terapêuticas. Apesar disso, a mesma destaca o fato da condição não ser uma doença e comenta sobre a forma como pessoas autistas são socialmente estigmatizadas. No que se refere à produção bibliográfica, a autora acaba identificando somente um artigo que relaciona o tema teatro e autismo no período abrangido por sua pesquisa e conclui: “O Transtorno do Espectro Autista tornou-se alvo de inúmeras pesquisas nas últimas décadas, no entanto, pouco ainda se encontra no que tange à utilização da arte, e principalmente do Teatro, como forma de tratamento e intervenção deste quadro” (p. 15).

A segunda revisão bibliográfica que identificamos foi a de Souza, Santos e Givini (2023). Nessa pesquisa, os autores realizaram uma revisão bibliográfica sobre o tema teatro e autismo entre os anos de 2000 a 2019, buscando responder à questão: “como estão configuradas as produções científicas em teatro e autismo nos últimos anos?” (p. 1). Os autores acabaram identificando 19 produções acadêmicas sobre o tema – algumas delas em língua estrangeira –, mas é necessário problematizar esse resultado. Ao analisarmos os textos selecionados

na pesquisa, percebe-se que nenhum deles apresenta claramente a relação entre teatro e autismo como seu tema principal; a maioria apenas tangencia essa relação – por exemplo, relacionando o tema “autismo” com “expressão corporal”. Assim, o artigo causa a falsa impressão de uma vasta produção acadêmica sobre “teatro e autismo” no período pesquisado e chega a resultados bem diferentes da outra revisão bibliográfica mencionada acima (LIMA, 2018). Os autores acabam fazendo ainda um recorte arbitrário na pesquisa ao usar como um dos termos de busca a expressão “autismo infantil”: trata-se de um recorte arbitrário pois o artigo não menciona em nenhum momento que pretende tratar especificamente sobre a relação de crianças autistas com o teatro; e uma das consequências de tal recorte é a exclusão de possíveis textos sobre a relação de adultos autistas com o teatro. Os autores reconhecem que no material selecionado há pouco “aprofundamento metodológico e epistemológico no que diz respeito a conhecimentos específicos da educação teatral” (p. 15) e que o teatro acaba por ser tratado pelos pesquisadores, a maioria de áreas como psicologia e psicanálise, de forma utilitarista e secundária.

O próximo artigo, assinado por Givini, Santos e Camargo (2023) apresenta um estudo no formato de pesquisa-ação, realizado com duas crianças autistas usuárias de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA)ⁱⁱⁱ, envolvendo Teatro de Animação e oficinas teatrais. Neste artigo, os autores adotam uma postura de reconhecimento da importância do teatro e das artes em geral, libertando-os de um viés utilitarista:

Podemos considerar que são inadequadas as ideias de que a Arte é apenas um recurso para educar, ou uma forma de “diversão”, ou uma maneira de trabalhar os conteúdos das outras disciplinas. Nesta pesquisa, a intenção foi salientar a importância da Arte, e reconhecê-la como uma maneira de formar sujeitos artistas, pensantes, protagonistas, comunicantes, expressivos, dotados de potenciais para realizar interação/interpretação do mundo (GIVINI, SANTOS e CAMARGO, 2023, p. 2).

Os autores salientam ainda os potenciais estéticos possibilitados pela presença da diversidade humana no campo artístico, sobretudo a partir da presença de pessoas com deficiência^{iv} e seus corpos e mentes atípicos.

O estudo relatado no artigo foi desenvolvido ao longo de 45 encontros, ocorridos em um período de 18 meses, em que duas crianças autistas, ambas com 12 anos de idade, tiveram experiências primeiramente com a apreciação teatral, em seguida com a manipulação de bonecos e, por fim, com a elaboração de dramaturgias. Em todos esses momentos, o uso da CAA esteve presente. A conclusão a qual os autores chegam é que

[...] este trabalho nos trouxe algumas importantes reflexões sobre como o teatro pode contribuir para o processo de inclusão de crianças com autismo. Observou-se que diferentes técnicas, métodos e estratégias são necessárias para o professor de teatro que trabalha com pessoas com deficiência. A nível de pesquisa, a grande inovação foi a utilização da Arte teatral junto com a Comunicação Alternativa, possibilitando que estudantes com autismo pudessem interagir e experimentar outras formas de se expressar e aprender (GIVINI, SANTOS e CAMARGO, 2023, p. 20-21).

Apesar de não tratarem o autismo de forma especialmente patologizante ao longo do texto, tampouco é possível dizer que os autores tratam a condição a partir da perspectiva da neurodiversidade, não sendo feita nenhuma menção desse tema ao longo do artigo. O vocabulário do paradigma da patologia, no entanto, se faz presente sobretudo através do uso reiterado da expressão “com autismo”^v.

Os mesmos autores do artigo acima assinam também um segundo artigo (SANTOS, CAMARGO e GIVINI, 2024), no qual tratam novamente do estudo realizado com as mesmas crianças autistas, porém focando em uma parte do estudo que foi realizada de forma remota, no ano de 2020, no contexto da pandemia de Covid-19. Os posicionamentos, temas e vocabulário dos autores mantém-se os mesmos do artigo anterior, ou seja: ainda há uma preocupação de não usar o teatro de forma utilitarista; mantém-se o uso reiterado da expressão “com autismo” e a falta de menção à neurodiversidade; e voltam a ser tratados os temas da CAA e do Teatro de Animação. Sobre a relação entre teatro e autismo, os autores se posicionam da seguinte maneira:

[...] é por meio do teatro que o corpo das pessoas com deficiência pode se evidenciar como campo de possibilidades, potência expressiva e artística. Isso porque as diferenças se manifestam neste ente físico, que se constitui na relação social estabelecida com outros corpos. Ao mesmo tempo, se pensarmos as crianças com autismo que realizam encenações ao brincar, jogar, dramatizar e ao representar o mundo de maneira espontânea, se vislumbrarmos estes sujeitos como artistas em potencial, dentro de suas condições potentes de pessoas marcadas pela diferença, é possível ponderar que não intencionam expor seus corpos em detrimento de um virtuosismo, mas a partir de uma transgressão dos valores estéticos estabelecidos. Assim, os corpos com autismo invadem a cena e reivindicam seu espaço no palco da arte teatral (p. 3).

Ainda que o posicionamento geral seja positivo sobre o valor do teatro e o potencial artístico das crianças autistas, o artigo apresenta uma linguagem bastante patologizante, ao descrever as características do autismo usando termos como “prejuízo” e “sintomas” (p. 4).

O estudo apresentado no artigo realizou-se ao longo de 13 encontros semanais, realizados de forma remota, por meio do aplicativo *Zoom*. As práticas realizadas foram semelhantes às relatadas no artigo anterior, porém adaptadas para o ensino remoto. Uma das diferenças em relação aos trabalhos desenvolvidos presencialmente foi a participação mais direta da família das crianças nos encontros e atividades realizados remotamente.

Identificamos ainda um terceiro artigo que trata sobre os mesmos estudos dos dois artigos anteriores, com as mesmas crianças autistas e a abordagem centrada no uso da CAA e do Teatro de Animação. Esse artigo é assinado por Souza, Santos e Conceição (2024). Embora publicado em 2024, o artigo trata de acontecimentos cronologicamente anteriores aos relatados nos demais artigos, mais precisamente no início das atividades teatrais com as duas crianças autistas. O artigo foca no desenvolvimento das habilidades de apreciação teatral entre as crianças, bem como no tema das interações que surgiram entre elas durante a pesquisa relatada, o que os autores relacionam com os conceitos de “contágio” e de “bom-encontro”. Segundo os autores, “No teatro, contagiar é ser afetado pela presença física do outro. O contágio teatral pode provocar o olhar, modificar a expectativa e promover interações estéticas entre sujeitos marcados pela

diferença” (p. 167). Os autores relatam as dificuldades que as duas crianças autistas apresentavam inicialmente para adotarem a postura de espectadoras, bem como a falta de interação entre as duas crianças durante a realização das atividades; no decorrer dos encontros, no entanto, essas dificuldades foram sendo superadas aos poucos. Assim, os autores chegaram à conclusão:

A presente pesquisa evidenciou como o teatro é um importante dispositivo de inclusão e interação entre crianças com autismo. Todo o trabalho buscou respeitar os níveis de desenvolvimento de cada um dos participantes, sem inferir olhares comparativos. O ensino de teatro também possibilitou ampliar seus repertórios culturais a fim de promover uma efetiva educação estética. Foi por meio da arte teatral, como jogo de relações humanas corpo a corpo, que a comunicação e interação entre as crianças emergiram (SOUZA, SANTOS e CONCEIÇÃO, 2024, p. 184).

No que se refere à linguagem utilizada, esse artigo mantém características semelhantes aos anteriores, ao usar comumente a expressão “com autismo” e ao não mencionar o tema da neurodiversidade.

O último artigo selecionado para esta revisão bibliográfica (CAMPANA e CAMPANA, 2023) foi escrito por um autor autista, então graduando em teatro, e articula, a partir de uma perspectiva autobiográfica, os temas do teatro e do autismo. Ao abordar o conceito de autismo, o autor recorre majoritariamente às definições de manuais médicos e psiquiátricos, como o DSM e o CID^{vi}, alinhando-se ao paradigma da patologia. Resta em aberto, contudo, se essa escolha decorre de uma opção teórica deliberada ou de um desconhecimento das perspectivas alternativas propostas pelo paradigma da neurodiversidade.

Um dos pontos que o autor destaca ao falar sobre suas experiências com o teatro é a relação entre a prática teatral e o desenvolvimento da autoestima. Assim ele relata:

Inicialmente eu pensava em me vingar dos meninos da sala, que tanto me chateavam pelo meu comportamento considerado estranho por eles. Inúmeras vezes eu ficava triste, pois meus amigos riam de mim ou brincavam com coisas que eu não entendia. Mas no palco era diferente e me sentia importante. Minha autoestima foi aumentando e eu fui me fortalecendo até que as chateações não me machucavam tanto (CAMPANA e CAMPANA, 2023, n.p.).

Refletindo a partir de suas vivências com a prática e o ensino de teatro, o autor argumenta que essa arte pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de habilidades comunicacionais entre pessoas autistas.

Percebemos que o discurso de Campana se constrói em um entre-lugar, transitando entre narrativas objetivistas e subjetivistas sobre o autismo. Por um lado, ele reproduz a linguagem técnica e classificatória dos manuais psiquiátricos, ao descrever o autismo; por outro, ao assumir seu “lugar de fala” como pessoa autista e adotar uma metodologia autobiográfica, o autor afirma a legitimidade da experiência vivida como fonte de saber. Essa ambivalência discursiva evidencia, na prática, a disputa de narrativas sobre o autismo discutida por Bialer e Voltolini (2022): entre discursos que tratam pessoas autistas como objetos de análise e aqueles que reconhecem nelas sujeitos de linguagem e conhecimento. Embora aqui tenhamos optado por apresentar esses antagonismos discursivos principalmente a partir da contraposição entre o “paradigma da patologia” e o “paradigma da neurodiversidade”, é possível enunciar essa mesma disputa de outras formas, como: “discursos objetivos” *versus* “discursos subjetivos”, ou ainda “autistas como objetos” *versus* “autistas como sujeitos”.

Passemos agora à análise das duas dissertações selecionadas para essa revisão bibliográfica. Na dissertação intitulada *Bob Wilson: por trás do olhar de um surdo e da voz-pensamento de um autista*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas, o pesquisador Lucas de Almeida Pinheiro se debruça sobre a trajetória artística do encenador norte-americano Bob Wilson, dando destaque aos trabalhos que o mesmo realizou com os atores Raymond Andrews e Christopher Knowles – o primeiro deles surdo, o segundo autista (PINHEIRO, 2017). O argumento que Pinheiro sustenta ao longo da dissertação é o de que

[...] cada um destes meninos, à sua maneira, engendrou à cena wilsoniana elementos essenciais às suas concepções cênico-dramatúrgicas – delineadas pelo olhar de um surdo (no que tange os aspectos visuais) e pela voz-pensamento de um autista (no que diz respeito aos processos sonoro-verbais) (PINHEIRO, 2017, p. 12).

Aqui já notamos uma mudança de tom em relação aos artigos anteriores, no que se refere à relação da pessoa autista com o teatro: pela primeira vez nessa revisão bibliográfica, encontramos uma pessoa autista sendo reconhecida como ator de teatro. A dissertação foca, no entanto, em um caso ocorrido no exterior, na década de 1970. Já os demais trabalhos aqui realizados focam no contexto brasileiro recente. Permanece em aberto a questão sobre qual o estado da arte da relação entre teatro e autismo no exterior e ao longo das últimas décadas: haveria, nesses contextos, um maior reconhecimento das pessoas autistas na sua condição de artistas ou o caso de Knowles teria sido uma exceção histórica?^{vii}

Para Pinheiro (2017), a obra de Wilson é marcada por um respeito à diversidade humana e à valorização das diferentes expressões artísticas que podem surgir dessa diversidade. Parte dessa sensibilidade teria se desenvolvido em experiências que o artista teve, durante sua juventude, ensinando teatro para crianças consideradas “disfuncionais”.

No início da década de 1970, Wilson passa a trabalhar com o jovem ator surdo Raymond Andrews que, não sendo capaz de se expressar oralmente e não tendo aprendido nenhuma língua de sinais, se comunicava através de desenhos. Segundo Pinheiro (2017), Wilson passa a incorporar esses desenhos em suas dramaturgias e cria junto com Andrews peças sem palavras, nas quais a imagem apresenta um papel fundamental – o que leva essa fase da obra de Wilson a ser chamada de “Teatro das visões”.

É a partir do encontro com o adolescente autista Christopher Knowles que tem início uma nova fase na obra de Wilson, conhecida como o período da “Desconstrução da Linguagem”. Segundo Pinheiro, Knowles “lidava com a linguagem verbal de forma pouco ortodoxa, brincando com os códigos linguísticos como se eles fizessem parte de um jogo de quebra-cabeça maleável, onde as peças poderiam se arranjar e rearranjar em múltiplas variáveis” (2017, p. 88). O uso que Knowles fazia da linguagem teria fascinado Wilson, que o convidou a se juntar a seu grupo de teatro, os *Byrds*. O encenador e o jovem autista criaram, então, ao longo da década de 1970, diversas dramaturgias juntos, nas quais os

jogos linguísticos tinham um papel de destaque; Knowles passou também a se apresentar como ator em obras dirigidas por Wilson (PINHEIRO, 2017).

Apesar de manter uma postura de reconhecimento de Knowles como um artista – e de elogiar o fato de Wilson não tratar o jovem autista como alguém que precisava ser normalizado, mas sim como uma pessoa de habilidades e percepções únicas (PINHEIRO, 2017) –, ao comentar especificamente sobre o tema do autismo em uma das partes da dissertação, Pinheiro repete o mesmo hábito já observado nos textos anteriores de apresentar o autismo prioritariamente a partir da perspectiva médica. O pesquisador cita uma diversidade de autores que tratam das especificidades do autismo apresentando-as basicamente como “*déficits*”. Há uma aceitação da classificação do autismo como um “trastorno” e não se faz nenhuma menção direta ao tema da neurodiversidade.

Na parte final de sua dissertação, Pinheiro reitera a postura de Wilson de não manter com Andrews e Knowles uma relação que culminava em interesses terapêuticos. O interesse central nessa relação seria fazer teatro e não terapia. Assim diz o pesquisador:

Portanto, a abordagem de Wilson com os dois garotos se deu em uma tentativa de aprender, e apreender, as suas linguagens e modos de ser. Conhecê-los em suas próprias condições e direcionar suas singularidades a um fazer artístico teatral muito específico – capaz de radicalizar, em alguns aspectos, este campo (PINHEIRO, 2017, p. 196).

A ausência de um norte terapêutico não teria impedido, no entanto, o compartilhamento de aprendizados e o desenvolvimento de habilidades – não só sobre o teatro, mas sobre a vida –, para todos os envolvidos nessa relação.

Por fim, a última obra que analisaremos nessa revisão bibliográfica sobre teatro e autismo é a dissertação de mestrado intitulada *Constelações aracnianas. Autismo e pedagogia do teatro*. A dissertação foi escrita pelo pesquisador Nicholas Belem Leite, no âmbito do Mestrado em Artes Cênicas, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo. Nele, Leite relata sua experiência como professor de teatro na Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Guarujá, uma instituição cuja abordagem oficial priorizava o uso do teatro como recurso

terapêutico e de “capacitação profissional” para pessoas autistas – ou seja, a mesma ideia utilitarista do teatro já vista e criticada na análise dos textos anteriores.

Através de um relato autobiográfico, Leite narra sua resistência à concepção instrumental de teatro sustentada pela instituição e seus financiadores, que exigiam a produção de resultados visíveis – como espetáculos temáticos ou o desenvolvimento de habilidades comportamentais alinhadas a objetivos reabilitadores. Em contraste, o autor propõe uma pedagogia do teatro orientada pela escuta, pela expressão simbólica e pelo reconhecimento das potências singulares dos estudantes autistas. Em vez de submeter o teatro a uma função externa, como o treinamento de competências sociais ou a transmissão de valores, Leite defende uma prática centrada na criação compartilhada, onde o que importa são os sentidos, os afetos, os desejos e os modos de existir expressos pelos próprios autistas:

Intuindo que a contribuição que eu poderia dar nas circunstâncias mencionadas do projeto no qual trabalhei era a de fazer com que criássemos coletivamente (as crianças, os jovens e eu) um espaço em que a elaboração de formas simbólicas de autistas não fosse considerada coisa sem importância ou irrealizável, em razão de alguma leitura incapacitante do Autismo, arrisquei-me na proposição de uma prática de ensino de Teatro centralizada no saber artístico cujas formas expressadas tinham berço nas ideias, nos desejos, nas inquietações e nos hiperfocos de autistas, mesmo quando se afastavam de uma noção culturalmente construída de normalidade (LEITE, 2024, p. 17).

Para sustentar essa proposta, Leite dialoga com diferentes referências teóricas do campo teatral e da educação, entre elas Bertolt Brecht, Viola Spolin e Fernand Deligny. De Brecht, retoma o conceito de *Lehrstück* (peça didática), que valoriza a construção coletiva do saber por meio da cena, sem hierarquias entre saberes técnicos e experiências vividas. De Spolin, inspira-se nos *Theater Games* como práticas que favorecem a improvisação, a liberdade expressiva e a criação em grupo – especialmente potentes em contextos nos quais a comunicação verbal não é dominante. Já Deligny aparece como uma presença constante ao longo da dissertação, tanto no vocabulário adotado quanto na concepção de convivência

sensível entre modos diversos de subjetivação. Educador francês que viveu com jovens autistas na França a partir da década de 1960, Deligny propôs formas de vida e de linguagem não centradas na fala, mas na observação dos gestos, na atenção às repetições e na escuta do que escapa à norma comunicacional. A própria ideia de “constelação aracniana”, que dá título à dissertação, é inspirada nesse pensamento, assumindo a imagem da teia como forma de organização relacional e poética da vida em comum, onde o sentido não é preestabelecido, mas tecido na convivência (LEITE, 2024).

Apesar de manter uma postura claramente distinta de muitos dos trabalhos que vimos até aqui – ou seja, de criticar a ideia de um teatro meramente terapêutico e de valorizar o teatro como algo valioso em si mesmo – Leite ainda utiliza termos do paradigma médico, como “Transtorno do Espectro Autista” e referências a “sintomas”, sem citar explicitamente a neurodiversidade ou o modelo social da deficiência. Essa permanência de vocabulário patologizante evidencia a complexidade de conciliar um viés emancipatório com práticas institucionais historicamente condicionadas pelo modelo biomédico. Ainda assim, o trabalho de Leite se destaca por demonstrar como é possível subverter lógicas capacitistas de dentro para fora, oferecendo um exemplo inspirador para pesquisas e ações futuras no campo de interações entre teatro e autismo.

Reflexões e conclusões

A análise do material bibliográfico sobre teatro e autismo revela a predominância do paradigma da patologia como horizonte teórico hegemônico nas produções acadêmicas. Em sua maioria, os textos adotam um vocabulário técnico e patologizante para descrever o autismo – frequentemente sem explicitação ou problematização desse enquadramento conceitual – e não mencionam o paradigma da neurodiversidade. Essa tendência se manifesta mesmo em estudos que têm como objetivo declarado a inclusão de pessoas autistas e o reconhecimento de suas singularidades.

Ao observarmos o conjunto de textos analisados, é possível identificar duas linhas distintas de abordagem: de um lado, artigos que tratam o teatro como recurso para o desenvolvimento de habilidades comunicacionais ou sociais em crianças autistas, frequentemente a partir da mediação de objetos animados (como no Teatro de Animação) e com o apoio de tecnologias como a CAA; de outro, trabalhos que, mesmo partindo de contextos institucionais marcados por práticas terapêuticas, buscam tensionar esse modelo, enfatizando o valor estético e simbólico da criação teatral. Nessa segunda vertente, destacam-se especialmente a dissertação de Leite (2024), pela proposta de uma pedagogia do teatro voltada à expressão singular dos estudantes autistas, e, em menor grau, a dissertação de Pinheiro (2017), ao reconhecer um jovem autista como artista cocriador.

É importante observar que, entre os oito textos analisados, apenas um é assinado por uma pessoa autista (CAMPANA e CAMPANA, 2023), e a maior parte deles trata sobre práticas teatrais com crianças. Tal constatação reforça a necessidade de ampliar a produção acadêmica sobre experiências teatrais de pessoas autistas adultas e em contextos diversos, reconhecendo suas práticas como expressões artísticas legítimas.

A crítica à instrumentalização do teatro como mero recurso terapêutico, feita explicitamente por Leite (2024) e assumida também neste artigo, não busca negar os possíveis efeitos positivos da prática teatral sobre pessoas autistas. Pelo contrário, reconhece-se que o teatro pode, sim, favorecer processos de autoestima, comunicação, pertencimento e elaboração simbólica. No entanto, é preciso perguntar: quando se diz que o teatro “ajuda no desenvolvimento” de pessoas autistas, de que tipo de desenvolvimento se está falando? A quem ele serve? Em que direção aponta? Se o objetivo é aproximar as pessoas autistas de um ideal de normalidade, torná-las menos diferentes, mais adaptadas às exigências do mundo neurotípico, então estamos lidando com um uso normalizador da arte, coerente com o paradigma da patologia. Por outro lado, se a proposta é ampliar o repertório expressivo das pessoas autistas, reconhecer seus modos próprios de criação – dadas suas singularidades estéticas^{viii} – e valorizar sua presença no campo

artístico, então caminhamos em direção a uma concepção de teatro alinhada ao paradigma da neurodiversidade.

Dessa forma, esta revisão bibliográfica não apenas evidencia lacunas na produção acadêmica sobre teatro e autismo, mas também aponta caminhos possíveis para futuras pesquisas e práticas. Caminhos que tomem o teatro como arte e não apenas como instrumento terapêutico; que reconheçam as pessoas autistas em sua condição de sujeitos criadores e não apenas como alvos de alguma intervenção; e que se orientem por uma ética do respeito à diferença e à potência do gesto artístico/autístico.

Referências

ABREU, Tiago. O que é neurodiversidade?. 1 ed. Goiânia: Câne Editorial, 2022. E-book.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. *Psicologia em estudo*, v. 27, 2022, p. 1-13. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Gd3KgdZhpWFdTHrgbDRNr5S>. Acesso em: 27 mai. 2025.

BOTHA, Monique; CHAPMAN, Robert; GIWA ONAIWU, Morénike; KAPP, Steven K.; STANNARD ASHLEY, Abs; WALKER, Nick. The neurodiversity concept was developed collectively: An overdue correction on the origins of neurodiversity theory. *Autism*, v. 28, n. 6, 2024, p. 1591-1594. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13623613241237871>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CAMPANA, Pedro de Almeida; CAMPANA, Adriana Maria Santos de Almeida. O teatro e o autismo: o potencial do ensino do teatro em uma pesquisa autobiográfica. In: CONFAEB Maranhão: Territórios da Arte na Educação Contemporânea. Anais... São Luís-MA, UFMA, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/confaeb2023/654229-O-TEATRO-E-O-AUTISMO--O-POTENCIAL-DO-ENSINO-DO-TEATRO-EM-UMA-PESQUISA-AUTOBIOGRAFICA>. Acesso em: 22 dez. 2024.

DINIZ, Debora. O que é deficiência. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

GIVINI, Rosana Carla do Nascimento; SANTOS, Lucas Wendel Silva; CAMARGO, Erica Daiane Ferreira. Educação teatral e o uso da comunicação alternativa: uma proposta para crianças com autismo. Revista da Fundarte, v. 55, n. 55, abr./jun. 2023. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1211>. Acesso em: 22 dez. 2024.

LEITE, Nicholas Belem. Constelações Aracnianas. Autismo e Pedagogia do Teatro. 2024. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27162/tde-19092024-135751/pt-br.php>. Acesso em: 14 jun. 2025.

LIMA, Penélope Lopes de. A utilização do teatro enquanto recurso artístico e instrumento de intervenção no transtorno do espectro autista: uma revisão de literatura. Journal of Specialist, n. 4, v. 4, out./dez. 2018. Disponível em: <http://138.197.159.243/jos/index.php/jos/article/view/117/70>. Acesso em: 22 dez. 2024.

PEROLA, Carlos Eduardo. Ativismo autista no Brasil: as redes sociais digitais como ferramentas para o reconhecimento. 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) — Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2022. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/9771>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PINHEIRO, Lucas de Almeida. Bob Wilson: por trás do olhar de um surdo e da voz-pensamento de um autista. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/985864>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SANTOS, Lucas Wendel Silva; CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; GIVINI, Rosana Carla do Nascimento. Ensino de teatro para crianças com autismo no contexto da pandemia da Covid 19. Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista-BA, v. 20, n. 51, 2024. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/13011>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SOUZA, Laila Bianca Menezes; SANTOS, Lucas Wendel Silva; CONCEIÇÃO, Louise Carvalho da. Contágios emancipadores: teatro e interação entre crianças com autismo. Revista Educação Especial em Debate, v. 9, n. 17, p. 167-186, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/45037>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SOUZA, Laila Bianca Menezes; SANTOS, Lucas Wendel Silva; GIVINI, Rosana Carla do Nascimento. Autismo e teatro: balanço da produção científica nacional e internacional (2000-2019). Cadernos de pesquisa em educação, Vitória-ES, n. 57, jun./dez. 2023, p. 1-19. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/43492>. Acesso em: 21 out. 2024.

WALKER, Nick. Neurodiversity: some basic terms & definitions. Neuroqueer. 2014a. Disponível em: <https://neuroqueer.com/neurodiversity-terms-and-definitions>. Acesso em: 15 jun. 2015.

_____. Throw away the master's tools: liberating ourselves from the pathology paradigm. Neuroqueer. 2013. Disponível em: <https://neuroqueer.com/throw-away-the-masters-tools>. Acesso em: 08 ago. 2021.

_____. What is autism?. Neuroqueer. 2014b. Disponível em: <https://neuroqueer.com/what-is-autism>. Acesso em: 15 ago. 2021.

-
- i O termo neurodiversidade surgiu na década de 1990. Durante muito tempo, sua autoria foi atribuída à socióloga australiana autista Judy Singer, mas pesquisas recentes indicam que ele pode ter sido cunhado antes, de forma coletiva, em fóruns de discussão online entre pessoas autistas (BOTHÁ et al., 2024). A palavra refere-se à diversidade de mentes ou configurações cognitivas presentes na espécie humana, sendo frequentemente comparada à ideia de biodiversidade (ABREU, 2022). Neste artigo, seguimos a distinção proposta por Walker (2014a), segundo a qual neurodiversidade é um fato biológico; o paradigma da neurodiversidade, uma linha de pensamento que parte da aceitação desse fato e questiona os ideais normativos de funcionamento neurocognitivo; e o movimento da neurodiversidade, um movimento político-social protagonizado por pessoas neurodivergentes, que reivindicam direitos, reconhecimento e inclusão (PEROLA, 2022). Apesar dessas distinções, é comum encontrar na literatura acadêmica um uso indiferenciado desses três sentidos do termo.
- ii O Portal de Periódicos da CAPES, o Banco de Teses e Dissertações (BDTD) e o Google Acadêmico são plataformas digitais de busca de produção científica. As duas primeiras são mantidas por instituições públicas brasileiras, enquanto a terceira é uma ferramenta internacional de busca acadêmica oferecida pelo Google.
- iii Método de comunicação usado por algumas pessoas autistas como complemento ou substituição à fala. Pode se dar de diferentes formas, como o uso de cartões com símbolos pictográficos – o método utilizado pelas crianças na pesquisa –, até o uso de *hardwares* e *softwares* produzidos especificamente para essa finalidade (GIVINI, SANTOS e CAMARGO, 2023).
- iv Proponentes do paradigma da neurodiversidade tendem a classificar o autismo como deficiência através do chamado “modelo social” da deficiência que – diferente do “modelo biomédico”, que vê a deficiência como “consequência natural da lesão em um corpo” (DINIZ, 2007, p. 15) –, propõe a deficiência como algo que só acontece quando “corpos ou mentes atípicos entram em contato com uma sociedade que foi desenvolvida prioritariamente para lidar com corpos e mentes tidos como ‘normais’” (PEROLA, 2022, p. 39). Da mesma forma que o paradigma da neurodiversidade, o modelo social é construído a partir da contestação de uma ideia de normalidade dos corpos e mentes.
- v Termo considerado inadequado por muitos autistas, que preferem a expressão “pessoas autistas”, por expressar melhor a ideia do autismo como parte constituidora e permanente de sua identidade e não como algo que se pode ter ou deixar de ter.
- vi Respectivamente, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, publicado pela *American Psychiatric Association*; e Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, da Organização Mundial da Saúde; são sistemas classificatórios amplamente utilizados na definição de diagnósticos médicos e psiquiátricos.
- vii Questão que não será possível desenvolvermos nesse artigo, mas que deixamos como sugestão para pesquisas futuras.
- viii Ao mencionar “singularidades estéticas” das pessoas autistas, referimo-nos tanto à sensibilidade sensorial diferenciada que caracteriza grande parte das experiências autísticas

– como hipersensibilidades e hipossensibilidades específicas – quanto às formas particulares de percepção, atenção e elaboração simbólica que podem emergir dessas experiências. Trata-se, assim, de uma noção de estética que articula sua dimensão etimológica (relativa às sensações) com seu uso no campo artístico (relativo à criação e expressão sensível), propondo que modos distintos de sentir o mundo também podem gerar modos distintos de fazer arte.